



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7082 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

GERAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO: O ADULTO E A ESCOLA NA VISÃO DE CRIANÇAS/ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cecília Vieira do Nascimento - ESCOLA FUNDAMENTAL DO CENTRO PEDAGÓGICO DA UFMG

Isabel de Oliveira E Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Este relato refere-se a um estudo pós-doutoral, em andamento, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O estudo objetiva, centralmente, ser um espaço de aproximação da infância, das crianças e do seu universo de percepções. Trabalho como professora de crianças de 6 a 9 anos, alunos/as dos anos iniciais do ensino fundamental há uma década e, como fruto das necessidades percebidas no âmbito da escola e, mais especificamente, da sala de aula, elaborei meu problema de pesquisa, que pretende apreender as percepções de crianças sobre a escola e sobre o/a adulto/a – professor/a.

Trata-se de um estudo, de caráter empírico, baseado nos aportes teórico metodológicos da Sociologia da Infância. Esses estudos têm nos despertado para o fato de que a criança, ator social e a infância, categoria social, representam grupos ativos, participativos, produtores de cultura, para além da passividade infantil, comumente presente no imaginário social, fruto de elaborações seculares. Autores como Manoel Sarmiento (2005, 2008), Willian Corsaro (2002), Florestan Fernandes (1979), tem colaborado para essa mudança de paradigmas sobre a infância e a criança, com reflexões diversas e complementares, em alguns aspectos. Com interesses de estudos distintos e referenciais diversos, esses autores vêm colaborando no sentido da construção de uma visão que reconhece a criança e a infância como grupo social ativo, com capacidade de produção simbólica, como atores sociais imbuídos de pleno direito (Sarmiento e Pinto, 1997). De modo geral, entendem que as crianças são sujeitos capazes de interagir com signos e símbolos construídos socialmente, mas que também são capazes de atribuir distintos significados a partir dessa interação, criando e reinventando maneiras peculiares.

Tenho realizado, desde o mês de junho deste ano, conversas com um grupo de dez crianças, cinco meninas e cinco meninos, alunos/as do quarto ano do ensino fundamental, com idades entre 9 e 10 anos, de uma mesma escola pública da rede federal, moradoras de diversos bairros da cidade de Belo Horizonte/MG e da cidade de Contagem, na região metropolitana da capital. As conversas têm acontecido de modo *online*, por meio de ligações de vídeo chamadas, feitas por mim para o aparelho celular de um dos pais ou um dos responsáveis pela criança, utilizando a plataforma digital *WhatsApp*. Todas as crianças da pesquisa, bem como seus familiares, concordaram em participar da proposta, declarando anuência por meio de termos de assentimento, voltados para as crianças e de termos de consentimento,

especificamente para os familiares.

As conversas com as crianças geraram em torno de questões como: O que sente quando está na escola? Por que você vai para a escola? E os adultos, o que são para você? O que você acha de suas professoras? Compreendemos que essas questões podem auxiliar na elucidação de aspectos centrais do processo de escolarização. Questões referentes aos modos como as crianças têm vivenciado o período de isolamento social, decorrente da pandemia do novo corona vírus, SARS-CoV2, passaram a figurar como elementos da pesquisa.

O material coletado até o momento, objeto de reflexão da presente proposta, refere-se uma conversa telefônica realizada com cada uma das dez crianças participantes da pesquisa, um momento coletivo, em que oito crianças participaram de uma vídeo chamada pelo aplicativo *zoom*, um segundo momento coletivo, em que duas crianças participaram de uma vídeo chamada, também pelo aplicativo *zoom* e, também, de materiais diversos produzidos pelas crianças ao longo de nossas interações ou como fruto delas, como vídeos e desenhos.

Até o momento das conversas com a pesquisadora e com os/as colegas, as crianças participantes da pesquisa estavam tendo atividades escolares esparsas, postadas esporadicamente no site da escola. Seis, dentre as dez crianças, são filhas únicas e relataram não terem contato presencial com outras crianças, mas ressaltaram vivência de contatos virtuais. Em alguns casos, os contatos virtuais aconteciam com frequência diária, por meio de jogos eletrônicos compartilhados com outras crianças. Falas que remetiam a sentimentos de ausência, de tédio, de instabilidade emocional, foram constantes, quando perguntados sobre o que tem sentido no período de isolamento social. Nas palavras das crianças, “às vezes eu sinto muita falta da escola”, “alguns dias feliz, alguns dias triste”, “meio pregado dentro de casa, porque não tem como sair”, “entediada”, “ruim, por que, tipo assim, é chato, não tem nada pra fazer.”. De algum modo, feitas as ressalvas necessárias, as crianças nos contam da centralidade da escola como espaço de interações e convivência entre pares. Quando perguntadas sobre melhores amigos/as, tem-se o reforço do argumento da centralidade da escola na vida das crianças, no que se refere aos grupos de sociabilidades.

No que se refere às visões das crianças sobre a vida adulta, de modo sucinto, destacamos a forte perspectiva de controle e de ausência de escutas para as especificidades das necessidades/vontades das crianças. Para uma das crianças, os adultos gostam de: “ficar mandando em tudo, tudo, tudo!!!”

Destacaremos, neste texto, elementos que se referem à atividade das crianças e seus modos e potencialidades de ação e de organização. Os dados até agora coletados demonstram, para além da anunciação da capacidade de agência da infância, elementos consistentes que comprovam seus modos próprios de articulação e interação e suas potencialidades reflexivas quanto às questões sociais. Assuntos como renda, trabalho, políticas públicas, estão no horizonte de preocupações das crianças, que demonstram entendimento significativo sobre seus entornos. Em meio ao isolamento social, criam estratégias de manutenção de trocas entre seus pares, essencial para suas sociabilidades.

No momento de conversa coletiva, as crianças, que já se conhecem desde o primeiro ano do ensino fundamental, demonstraram a grande saudade causada pela ausência das aulas. Como sentiram-se à vontade, em poucos minutos, organizaram-se para trocar telefones e realizar um grupo de colegas pelo aplicativo *WhatsApp*. Ou seja, conseguiram criar mecanismos para manutenção do vínculo entre eles. Esses vínculos estão muito presentes nas conversas, ao longo da pesquisa. Quando mencionam a escola, narrativas comuns nos contam como se mobilizam para organizar brincadeiras coletivas, nos intervalos entre as aulas, que agrupam dezenas de crianças. A escola é lugar de trocas, entre pares, com professores/as e todos os sujeitos envolvidos em seu cotidiano. Talvez aperfeiçoar canais de escuta e de

acolhida das crianças auxiliem na potencialidade dessas trocas, entre adultos e crianças, entre professores/as e alunos/as.

Palavras-chave: Infância. Geração. Escolarização. Ensino Fundamental. Agência das crianças.

REFERÊNCIAS

- CORSARO, W. A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “Faz de Conta” das Crianças. In: *Educação, Sociedade & Culturas*. Porto, n. 17, 2002; p.113-134.
- FERNANDES, F. As Troçinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico dos grupos infantis. In: FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.
- SARMENTO, M.; GOUVEA, M. (orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SARMENTO, M. Gerações e alteridade: interrogação a partir da Sociologia da Infância. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, vol.26,n.91, maio/ago.2005. p.361-378.
- SARMENTO, M.; PINTO, M.. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, M. *As crianças, contextos e identidades*. Braga: Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.